

# Iuri Lotman, o pensador renascentista

*Gutemberg Medeiros*

A

vertente teórica de semiótica da cultura de Tartu-Moscou emergiu na década de 1960 na ex-URSS e contou entre os seus principais fundadores com o russo nascido em São Petersburgo Iuri Mikhailovitch Lotman, que completa 100 anos de nascimento em 2022, a ser comemorado em vários países do mundo com publicações e congressos, inclusive na ECA-USP em outubro próximo. Esse campo de estudos foi introduzido no Brasil por Boris Schnaiderman em orientações e aulas no curso de Russo na USP e na seleção de textos *Semiótica russa* (Editora Perspectiva, 1979).

**GUTENBERG MEDEIROS** é professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

A ensejo dessas comemorações, a **Revista USP** publica entrevista histórica de Lotman realizada por seu aluno e colega professor da Universidade de Tartu, Peeter Torop, da segunda geração de pesquisadores dessa linha de trabalho. A entrevista foi realizada em Tartu, em setembro de 1992, e publicada pela primeira vez em *Discurso. Revista Internacional de Semiótica y Teoría Literaria*, n. 8 (1993, pp. 123-37). Torop autorizou a publicação em português feita a partir da versão espanhola de Rafael Guzmán.

A entrevista traduz o encontro de dois colegas que trabalharam ombro a ombro por anos. Torop tece esta conversa tendo como fio condutor elementos de formação de conhecimento, ou seja, epistemologia, a partir da trajetória de Lotman e de Tartu-Moscou.

No final desta entrevista, Lotman alude ao acaso na formação desse campo teórico. Campo este que estuda o funcionamento de textos verbais e/ou não verbais, examinando a interação de sistemas semióticos diversamente estruturados, a uniformidade interna do espaço semiótico e a necessidade de poliglôtismo cultural. Lotman, assim como Bakhtin, prioriza a tríade História, Memória e Linguagem em seu percurso reflexivo. Partindo de elementos de ciências da linguagem, tendo em suas fundações o formalismo russo, Mikhail Bakhtin e o estruturalismo de Roman Jakobson, essa vertente se irradiou e dialogou pelos mais variados ramos de conhecimento, como a física contemporânea. Isso porque seus fundadores, como Lotman, eram “pensadores renascentistas”, na exata síntese cunhada por Boris Schnaiderman. Filhos de famílias políglotas e cosmopolitas, souberam aliar

formação ampla com a acuidade necessária a qualquer cientista.

Até o começo da década de 1960, semiótica e cibernética eram considerados estudos burgueses, e quem os pesquisava na ex-URSS era passível de prisão. Após muitos esforços e enfrentando dura censura, um grupo de linguistas de Moscou – V. V. Ivanov, I. I. Revzin, B. A. Uspênski e outros – conseguiu finalmente realizar, em dezembro de 1962, um simpósio buscando divulgar suas pesquisas. Além disso, durante o evento, foi instituída a disciplina de estudos semióticos na URSS.

Lotman, então professor de Literatura Russa na Universidade de Tartu (Estônia), participou do congresso e integrou-se ao grupo. Vendo a dificuldade extrema dos colegas em fazer aquele pequeno evento, os convidou para realizarem cursos de verão em Tartu. Lá havia plena liberdade de pensamento, pois os países do Mar Báltico (Estônia, Lituânia e Letônia) foram anexados ao Império Soviético a *manu militari* logo após a Segunda Guerra Mundial.

Os cursos de verão se sucederam ao longo dos anos 1960, com pesquisadores de humanas, biomédicas e exatas formando ali quase uma ágora moderna em troca intensa de conhecimentos – semiose epistêmica. Em 1965, Roman Jakobson aponta desde a França este rico movimento e gera amplo interesse e publicações na Europa. Daí o motivo da nomeação dessa linha de estudos com as duas cidades.

Nos últimos anos, têm surgido novas traduções e estudos sobre a contribuição do pensamento lotmaniano, culminando com o recém-lançado *The companion to Juri Lotman: a semiotic theory of culture*, organizado por Peeter Torop e Marek

Tamm (Bloomsbury), a abordar os mais variados aspectos da arquitetura teórica do legado do pensador. No Brasil, a professora e especialista Irene Machado promove o Seminário Internacional de Celebração do Centenário de Iuri Lotman, a ser realizado em outubro de 2022 na ECA-USP, com a presença de pesquisadores brasileiros e internacionais, a exemplo de Torop.

Lotman, no final da entrevista, afirma que a semiótica de Tartu-Moscú sempre foi de fronteira, geográfica e culturalmente. E os que nela habitam são pessoas de fronteira, sempre em diálogo intenso com o mundo e múltiplos pensares. Ou seja, além de renascentista, Lotman sempre foi de fronteira ou “das bordas”, como diria Jerusa Pires Ferreira, outra especialista brasileira que muito contribuiu na divulgação e reflexão de Tartu-Moscú.

## PEETER TOROP CONVERSA COM IURI MIKHAILOVITCH LOTMAN<sup>1</sup>

**Peeter Torop** - Nos últimos tempos, a Escola de Tartu é mencionada, cada vez mais frequentemente, em artigos de natureza memorialística. O paralelo com o simbolismo russo vem à mente, que teve como prelúdio ao seu desaparecimento o interesse demonstrado por seus partidários na teoria e em memória, na autorreflexão. O interesse atual da semiótica não é a memória da Escola de Tartu e pelos tempos passados que testemunham o fim, ou o último período, da escola?

---

<sup>1</sup> Tradução do espanhol e notas de Gutemberg Meireiros.

**Iuri Lotman** - Eu acho que em tudo isso, é claro, há um pouco de nostalgia. Nostalgia causada pela intersecção de dois eixos. Um eixo que diz respeito às pessoas e outro às ideias. O das pessoas está relacionado ao fato de que os fundadores ou militantes das primeiras palavras de ordem da Escola de Tartu deixam esta vida para sempre ou se afastam da atividade científica devido à sua idade.

Permita-me um exemplo da vida militar. Imagine que você está defendendo, que você está na posição de vanguarda nessa defesa. Vocês não são muitos e não são enviados reforços, porque os chefes estão pensando em outro plano totalmente diferente. Não há novas pessoas que chegam e dão cada vez menos meios para lutar. Mas você continua no *front*. Então, de repente, os chefes preparam o ataque (estou falando em nome do soldado ou do sargento que está na trincheira e não é informado do que vai acontecer a seguir, quais planos serão) e, de repente, você percebe que, em um único dia e pela retaguarda, novas reservas estão se aproximando, novas pessoas e muitas novas armas estão se aproximando. Essas pessoas passam por você e seguem em frente. O ataque começa e o *front*, de repente, já está na sua frente. E você, que há apenas uma hora estava na vanguarda e estava defendendo essa posição com grande dificuldade, com grandes perdas, agora aparece na retaguarda. Eles prepararam a nova frente com grande facilidade. Eles são muito bem guarnecidos e vão em frente. E você fica sem entender o que tem que fazer agora. Parece que os chefes se esqueceram de você temporariamente. Você começa a andar ereto nesses mesmos

lugares onde até muito recentemente não conseguia nem colocar a cabeça para fora das trincheiras e começa a ver tudo de forma diferente. Você estava acostumado a ver tudo deitado no chão, onde cada formiga parecia enorme. E agora você se levantou e começou a procurar.

Isso é o que acontece quando na ciência há um forte avanço, e toda uma geração de militantes se torna uma lembrança. Ou seja, aqueles que se dedicavam à ciência, que faziam ciência, tornam-se testemunhas de como faziam a ciência. Eles não carregam mais a luta para o *front*. Eles só contam às pessoas curiosas como tudo aconteceu. E eles se encontram em um estado totalmente desconhecido, um estado de soldado lutando na retaguarda. Isto é, na minha opinião, o que aconteceu com muitos dos meus contemporâneos. Mas, é claro, muitos deles continuam realizando trabalho ativo e, nesse sentido, não se enquadram nessa comparação. Mas outros, como eu, caem no número do que podemos chamar de morto para a ciência. Então, por um lado, peço que perdoem essa apresentação um tanto lírica, esse olhar lírico para o passado, embora não sem uma certa tristeza, e, por outro lado, eles percebem que precisamente se tornam pessoas interessantes porque se lembram de como tudo aconteceu. De militantes eles se tornam testemunhas. E, dessa forma, eu também sofro esse choque, porque ainda é muito difícil para mim concordar com o fato de que fui riscado da lista de militantes, embora, para dizer realmente, seja assim. E para não me enganar eu tenho que olhar para a verdade diretamente, assim como acontece na vida, que você tem que suportar muitos obstáculos e isso

nem sempre é fácil. Mas, por outro lado, além de tudo relacionado ao indivíduo, algo análogo acontece com a ciência, se olharmos para a ciência como um ser vivo. Então também chega aquele período em que você tem que parar um pouco, olhar para trás, valorizar o passado e entender que, para dar os próximos passos, é necessário se libertar desse passado. É necessário que os jovens soldados saiam por trás, se aproximem de novas seções, com novas armas e, por mais triste que seja ver suas costas mais tarde, quando você os vê marchar para a frente, você tem que aceitar o fato de que muito do que eles dizem já é incompreensível para você, que já não domina esse nível. Isso é muito triste, mas, entenda, viver também é triste. No entanto, nessa tristeza há um prazer especial.

O *front* está avançando, exigindo novas técnicas militares, exigindo também novos conhecimentos, novas forças e, muito importante, uma nova flexibilidade intelectual e espiritual. Isso é o que mais envelhece, é a esclerose científica. É por isso que nossa geração, minha geração, é como se tivesse dois aspectos. Por um lado, devemos preservar tudo o que é facilmente esquecido e que, por sinal, tem grande valor, já que não só a tradição escrita é a única que faz sentido. Muitas vezes, a continuidade ilumina os aspectos que nós, os contemporâneos, não percebemos. Então, apagando nossa memória e dizendo que são livros do “armário da vovó”, isso não vale a pena. Mas, por outro lado, você tem que ter a coragem de jogá-los fora e dizer que alguns desses livros, pelo menos agora, não representam nenhum benefício. Talvez essa hora

chegue. O estudo da história novamente nos convence da sabedoria de Hegel quando ele disse: “O movimento para a frente é sempre um retorno à essência”. Estamos continuamente voltando a essa essência, à fundação. Quando temos a coragem de nos separarmos dela, a coragem de dizer que essas ideias estão atrás de nós, acontece que, de uma forma estranha, essas ideias não estão mais atrás de nós, mas estão na nossa frente e tão longe que devemos alcançá-las. Acho que essa é a atitude do cientista em relação às tradições. Essa atitude pessoalmente é dolorosa e essencial. Eu diria até que, se essas ideias são profundas, determinar se elas estão desgastadas ou não é bastante difícil. É sempre necessário dizer, do ponto de vista que são gastos, especificar o coeficiente desse ponto a partir do qual estamos julgando essas ideias.

**Torop** - A verdade é que foi um pouco inesperado ouvir tudo isso de você. Mas, então, surge o seguinte problema: você sente, ao falar da Escola de Tartu, que estamos falando um pouco de um coletivo científico invisível? Ou seja, essas pessoas nem sempre trabalham juntas, em um sentido literal, no mesmo espaço. Elas trabalham em Moscou, em São Petersburgo, em Tartu, em lugares diferentes, agora até no exterior. Mas você vê, dentro da Escola, aquelas novas pessoas que estão marchando talvez não como uma individualidade, não como uma única pessoa, mas como uma espécie de comunidade científica?

**Lotman** - Sabe? Sou uma pessoa um tanto estúpida. Sim, digo com toda sinceridade, falo sério. Um aspecto da minha falta de

jeito é o otimismo inesgotável. Eu acho que isso é, em primeiro lugar, bastante útil para a saúde e, em segundo lugar, é bom para o trabalho. Dessa forma, mesmo como uma hipótese de trabalho, admito otimismo. É por isso que eu acho que o que chamamos de Escola de Tartu está em um estado bastante complexo. Em parte, esse conceito que chamamos de Escola de Tartu se expandiu do ponto de vista geográfico, e a palavra “de Tartu” tornou-se praticamente uma metáfora ou um tipo de memória desejada, querida, em uma memória do passado. Mas acho que aqui podemos lembrar daquele popular ditado russo que diz: “Hoje eu não tenho dinheiro, mas amanhã Deus proverá”, e dizer: “Hoje eu não tenho ideias, mas amanhã Deus proverá”. A ciência desacelerou. Pode ser que ela já esteja gravemente doente, pode ser que ela já tenha morrido, ou pode ser que ela esteja sofrendo das dores do parto. Você me entende? Não podemos saber quem nascerá e quem crescerá. Na verdade, nem precisamos saber. Só precisamos lembrar, sabe? Gosto de dizer tudo com comparações: imagine que você vá (mais uma vez essas minhas memórias pessoais aparecem) por um determinado lugar, pelo campo ou pela floresta, muito tarde da noite, é totalmente escuro, e você não sabe muito bem para onde ir. Mas antes de entrar nesse espaço, você estava em algumas colinas altas e elas mesmas ensinaram a direção. Agora não vê mais essa direção, nem tem bússola. Você só tem uma coisa sobrando: tem que confiar em sua memória, você tem que confiar em si mesmo, no fato de que você está andando corretamente. Isso pode ser um

erro, mas você não tem que mudar ou se preocupar, você tem que ir pelo caminho escolhido. Quando dizem que a semiótica envelheceu ou que outra coisa envelheceu, ou que a orientação para métodos matemáticos envelheceu... considero isso nada sério. Não sabemos a próxima descoberta. A próxima descoberta é imprevisível no início. E quando acontecer, este sinalizador iluminará o que estava lá e parecerá tão previsível para nós, então, que só nossa cegueira nos impediu de vê-lo. Mas é realmente imprevisível. Ele só vai se manifestar para nós sob a luz desse sinalizador, porque então nos parecerá que tudo está indo na mesma direção, e aqui o que não vai nessa direção simplesmente não existe. Então, esse brilho enfraquece e acontece que tudo o que definimos como inexistente será a base de um brilho futuro.

Marchamos como a pessoa que passa pela floresta e acende um fósforo: ele acende, essa pessoa vê algo e, em seguida, enfraquece e vai apagar, e continua a andar no escuro e acende um fósforo novamente; e assim, diferentes, e às vezes, inclusive, as dolorosas labaredas na ciência, sinalizações na própria vida pessoal, sinalizadores na arte, sinalizadores na história da humanidade, compõem os pontos que então introduzimos e colocamos no processo histórico. Na verdade, quando descrevemos isso como um processo histórico, nos tornamos seus coautores.

**Torop** - Sim, você está falando do ponto de vista das ideias. Mas há outro aspecto: na ciência a personalidade é muito importante, a liderança é muito importante. Estou plenamente convencido (talvez eu

esteja errado, já que esta é a primeira vez que falo com você sobre esse tema), para mim, a Escola de Tartu e Lotman são sinônimos. Não tenho nenhum culto a Lotman. Eu sempre li você criticamente, embora você seja um mestre com letras maiúsculas. Mas para mim a Escola está indivisivelmente ligada à sua personalidade. É muito difícil falar sobre esse assunto, especialmente com você, mas gostaria de saber até que ponto a existência e o desenvolvimento de uma escola, aparentemente de qualquer escola científica, na sua opinião, podem estar unidos com uma única personalidade?

**Lotman** - Os destinos das pessoas na história e dos avanços científicos são totalmente imprevisíveis. Se a direção geral pode de alguma forma ser assumida, levando em conta diferentes tendências potenciais (como resultado de diferentes explosões<sup>2</sup> e descobertas), o aparecimento de uma pessoa insubstituível não é possível prever. E isso como Deus quiser. Você pode considerar isso uma metáfora ou você pode considerar que o que é dito é simplesmente um caso (que não é mais importante); mas um caso também não é tão casual, eu diria. É tão disperso, deixa um campo tão grande de escolha

---

2 Aqui e em outros momentos, Lotman lança mão de sentido específico de explosão aplicado em sua arquitetura teórica. Há duas maneiras de avançar, de mudanças ocorrerem nos mais variados planos. Nossos órgãos e sentidos reagem ante pequenos estímulos da consciência e são percebidos como movimento contínuo, linear. A outra maneira, o seu contrário, é a imprevisibilidade, as mudanças ocorrem feito uma explosão. Os processos graduais e os explosivos representam uma antítese e existem apenas pela sua relação de reciprocidade.

que através dele muitas coisas podem ser alcançadas. Mas é imprevisível. Acredito que se há alguma ideia dos novos que realmente temos em nossas mãos, uma delas, parece-me que a mais importante, é a ideia do significado histórico, científico ou algum outro significado, de imprevisibilidade; imprevisibilidade como objeto científico. Até agora, ou consideramos que não havia imprevisibilidade, seguindo Hegel, ou assumimos que, se existe, está além dos limites da ciência. Isso foi o que deu à nossa ciência uma extensão muito pequena. E, em essência, a ciência recebeu uma reprodução fraca da realidade. O imprevisível, ou o casual, se você gosta mais dessa palavra, cujo mecanismo, por sinal, é um dos principais objetos da ciência, incorpora, de uma forma totalmente nova na ciência, o papel da arte. Porque se a ciência é de alguma forma orientada para o previsível (pelo menos até agora era), no entanto, a arte sempre foi orientada para o imprevisível. É por isso que eu acho que uma coisa muito curiosa está acontecendo agora: é como se estivéssemos enfrentando uma estética da ciência. A ciência pode se apropriar de alguns princípios do artístico, não em termos de métodos, não para dizer tudo de uma forma mais bonita. Esta é uma ideia muito vulgar sobre ciência, que é uma maneira de falar bem, uma maneira de dizer bem o que pode ser dito de forma apenas fácil. E isso deve ser destacado porque essa ideia totalmente escolástica sobre ciência, sobre arte, perdoe-me, é mantida muito fortemente. A arte não é uma florzinha bonita. É outra maneira de pensar, outro sistema de modelagem do mundo. Em essência, é a criação de outro

mundo paralelo ao nosso mundo. Podemos viver na ciência, no mundo que é criado de acordo com o modelo da ciência, e podemos viver no mundo que é criado de acordo com o modelo da arte. Mas, na verdade, vivemos em um mundo que se constrói sobre a unidade conflitante desses dois modelos. E, portanto, há um nível diferente de previsibilidade, um significado diferente de imprevisibilidade, um significado diferente de talento também. Compreende? Como Hegel amargamente riria se começarmos a falar agora sobre o papel do talento na história! E ainda assim, no final do dia, tudo se resume a isso: temos uma enorme massa de pessoas que povoaram a terra e podem continuar a povoá-la. O que é isso? Uma massa de seres isolados, que vivem apenas para se apropriar de um certo espaço e um direito à vida? Ou essa massa de seres isolados é um método de descrição, outro ser e outro método de descrição? Assim, nem um único método de descrição exclui outro. Esses métodos, graças a uma tensão recíproca, formam uma terceira ideia. E, bem, eu acho que se essa hipótese não é absurda, então a direção em que a Escola de Tartu começou a andar faz algum sentido.

**Torop** - Isso pode ser considerado uma espécie de globalização da semiótica?

**Lotman** - O homem em geral, a ciência em particular, a arte em particular são agressivos. Você sabe em que sentido? Quando você vê, por exemplo, como uma pedra cai na água e círculos começam a aparecer, esses círculos tentam dominar todo o espaço. Quando eles se expandem sem parar, eles mesmos começam a se negar. Dessa



forma, sempre nos encontramos em uma esfera diferente, em intermináveis anexações de diferentes tipos de pensamento. Assim, pareceu-nos que a matemática era a ciência da ciência, e que ela era capaz de resolver tudo. No entanto, a matemática é um pouco mais complexa, já que não é apenas uma ciência, mas também é um método de pensamento.

**Torop** - E a semiótica?

**Lotman** - Você entende? Semiótica como ciência é algo finito. Esse círculo vai expandir-se até que, como no exemplo que dei antes dos círculos na água, quando se expande, não se autonegue. Como método, penso que está sendo profundamente transformado e, uma vez que se transforma, durante o processo de evolução do conhecimento, em algo totalmente diferente e imprevisível em um primeiro estágio, é impossível prever, a partir desse primeiro ponto de partida, qual será o seu desenvolvimento subsequente. E possivelmente será preservado, como Pushkin diz: “Até que no mundo sublunar possa algum poeta estar vivo”. Na verdade, onde está a eternidade da poesia? Só no fato de que se preserva, mas mudando de forma total. Isso, por sinal, também é a lei da vida. Sua permanência reside, precisamente, em sua mutabilidade. Se dermos a qualquer pensamento científico regras muito rígidas, apenas um pequeno grupo que não possui mecanismo de automudança e autorregeneração, então esta ciência enfraquecerá e desaparecerá quando seu objeto desaparecer. Se pudéssemos construir um certo mecanismo complexo que possuísse essa autorregeneração e pudesse

permanecer mesmo se tornando algo totalmente diferente, então isso já seriam traços de vida e forneceriam dessa forma – não podemos usar a palavra personalidade, mas “longevidade” – uma certa longevidade para esse método científico.

**Torop** - Mas isso não é algum tipo de equilíbrio à beira da profanação da ciência? Ao estender precisamente seu pensamento metodológico a diferentes objetos, esses objetos podem ser simplificados demais?

**Lotman** - Claro, claro que é assim. Mas, bem, isso é uma lei geral. Claro que a vitória é perigosa. A derrota nunca é. Na realidade, os conceitos de sobrevivência e destruição pressupõem a tal ponto a necessidade de saber o que virá a seguir que eles devem ser usados com muito cuidado. Em essência, isso é muito simples. Se você se lembrar das palavras de Cristo, palavras que Tolstói gostava muito de citar, “aquela semente que não morre não crescerá e não dará frutos”, e (agora, neste momento, estou passando dessa citação para a ideia concreta) para dar vida é necessário morrer. Na verdade, se deixarmos a natureza desta fonte intacta e olharmos para isso como conhecimento ou, se quiser, como uma fórmula da ciência, esta é uma ideia extremamente profunda. Para sobreviver, você tem que morrer. Só porque a morte é precisamente regeneração nessa nova forma que sobreviverá. Entenda como qualquer processo pode ser descrito: tanto o processo da arte, que é o que mais nos preocupa, quanto outros processos podem ser descritos como uma fonte de vida e uma fonte de morte. E estamos falando da mesma coisa.



**Torop** - Nesse caso, considerando o início da nossa conversa, onde você estava bastante nostálgico e até pessimista, você pode dizer que a Escola de Tartu está morta, viva a Escola de Tartu?

**Lotman** - Espero que isso possa ser dito. Acho que agora estamos testemunhando o surgimento de uma nova geração, jovem, muito diversificada, muito diferente da primeira e da segunda onda. Porque havia uma segunda onda. Entre os fundadores e os atuais, há toda uma geração, na qual você entra você mesmo, na qual o professor Chernov entra, e muitos outros. Não vou listar todos eles. Essa segunda onda também é muito singular. Em essência, não se esgota pela semelhança com a primeira ou pela continuidade com a terceira. Ela tem seu próprio rosto.

**Torop** - Mas você não acha que essa falta de produtividade dessa chamada segunda onda está relacionada ao prestígio da primeira geração, da primeira onda, com uma série de circunstâncias externas ou com certas circunstâncias pessoais? Por que não se consolidou como uma onda?

**Lotman** - Sobre o prestígio da primeira geração, só consigo lembrar as palavras de Anatole France ao dizer que os idosos amam suas ideias (não estou citando muito precisamente) e é por isso que são conservadores. Os selvagens... eu não me lembro exatamente como Anatole France os chamou, mas digamos convencionalmente o *mumbo-iumbo*<sup>3</sup>, ele garantiu o progresso comendo o antigo. Em nosso país, para isso, disse Anatole France, há academias. Claro, os velhos são conser-

vadores e qualquer um que seja um estimulador do pensamento quase sempre se torna, ao longo dos anos, um freio nessas ideias. Sem dúvida, há honrosas exceções. Mas geralmente, é claro, a velhice é velhice e, nesse sentido, é uma coisa bastante difícil. Mas a segunda geração, eu acho, além de uma série de obstáculos externos, levando em conta sua “infância”, teve que viver anos muito difíceis; além disso, eles também tiveram problemas internos.

**Torop** - Dificuldades de uma “infância científica”?

**Lotman** - Sim. É o que chamamos de segunda geração. Ou seja, você, Igor Chernov, todos... Primeiro, graças a Deus, é uma geração jovem o suficiente para se tornar um objeto de estudo. Então, para falar sobre essa geração como algo já terminado, eu realmente não posso agora. É por isso que é melhor falar não sobre as pessoas, mas sobre um período, porque o período realmente já passou. Então, se falarmos sobre o período, isso tem sido bastante difícil e teve um significado muito positivo. É como se, nas palavras de Hegel, tivesse sido um período de negação da negação. É como se ele nos mostrasse claramente que para ser semiótico não basta ser semiótico. Falando da vitalidade alegre dessa primeira geração, lembre-se, por exemplo, das palavras de Pushkin em sua obra *Evocação ao escritor em prosa*: “Em que andas tão ocupado, ó

---

3 Em russo, é assim que as tribos canibais são chamadas. (Nota do tradutor espanhol.)

escritor em prosa? Dá-me uma ideia, a que tu queiras, e eu a expressarei em versos”. Bem, essa vitalidade alegre da primeira geração, que você tem que escolher apenas o material, pois o método semiótico já temos (agora tudo isso imaginamos de forma atraente e clara, na forma de um modelo); bem, essa vitalidade alegre esbarrou em um ceticismo muito útil. Para esse mecanismo muito importante da ciência, a dúvida, a grande explosão científica estende uma enorme euforia e isso é um passo à frente. Mas então devem vir um ceticismo igualmente grande, autonegação, e dúvida sobre tudo. E nós já sofremos ambos. Agora estamos em nova e grande explosão, de um novo otimismo jovem e novas descobertas, em uma ampla base do modelo científico de especialistas que, se forem produtivos, se encontrarão incluídos nesse processo de envelhecimento, autonegação e novo retorno. Então eu acho que uma das fontes do nosso otimismo é que somos todos mortais.

**Torop** - Nada mau. Teremos esperança na produtividade do ceticismo da segunda geração. Mas o que você vê do futuro dessa terceira geração, da Nova Escola de Tartu ou da nova semiótica especificamente em Tartu? Ou essa é uma abordagem para o Ocidente, ou seja, para as correntes ocidentais na semiótica, é a descoberta de novos materiais próprios, ou essa variedade, ou seja, a individualidade de cada “novo semiótico” de Tartu?

**Lotman** - Compreende? Não creio que esse caminho, que cada nova geração que começa a seguir a tradição russa, deva ir em busca da verdade no Ocidente.

**Torop** - Parece que também o princípio da Escola de Tartu estava mais relacionado à orientação para especialistas, tendências e ideias esquecidas ou semiproibidas na própria ciência russa.

**Lotman** - No entanto, tudo começou, se você se lembra, com as descrições de alguns gêneros modernistas e com um ocidentalismo aberto. A propósito, não com um ocidentalismo autêntico, mas com um ocidentalismo russo. Na minha opinião, o ocidentalismo é uma das características da vida russa e, no Ocidente, não sei de nada parecido. Então, agora eu acho que uma grande mudança está sendo preparada e exige muito. Ela determinará novamente, como então, uma grande expansão do conhecimento. Simplesmente conhecimento. Tudo começou com o fato de que é suficiente tomar qualquer modelo simples. Portanto, o melhor de tudo é pegar a paródia ou algum outro modelo cinematográfico elementar e ter uma solução simples para fenômenos complexos. Acredito que superamos tudo isso e vamos testar nossos instrumentos em fenômenos mais complexos e vagamente exemplares, muito embaçados, como a cultura russa, que está novamente adquirindo um novo sentido científico.

**Torop** - Consequentemente, no aspecto da herança, reflete-se o problema da simultaneidade das especialidades da semiótica e do historiador, uma vez que nessa combinação uma das características específicas da Escola de Tartu se reflete.

**Lotman** - Eu diria assim: para saber algo (de preferência de forma profunda) sobre a semiótica, eu não falaria sobre

a cultura russa, mas em geral sobre cultura, especialmente sobre os estágios dinâmicos, femininos e indeterminados (usando termos estrangeiros) de outras culturas, quando ainda não ficaram entorpecidas. Para ser mais simples, não podemos apresentar nosso objeto como uma soma de coisas preparadas, entorpecidas e totalmente igualadas. Nesse caso, estamos em uma situação bastante complexa: pode parecer que a base de um pensamento científico está contida no pressuposto de que é necessário partir do princípio elementar. No início, você pega o que é elementar, o que não é ambíguo; então, fica complicado. Descobrimos que o elementar transforma a própria essência do objeto. É o mesmo com o fato de que, em princípio, nos parece que a vida só pode ser entendida a partir da anatomia: primeiro matar e cortar, e então acontece que, simultaneamente, recebemos muito analisando tudo em suas formas estáticas, entorpecidas e prontas. Mas, por outro lado, há algo muito mais importante que não podemos entender dessa forma. Nesse sentido, é onde seria encontrado o conhecimento metodológico dos tempos de transição e das culturas que estão nas linhas de ruptura, intermediárias. Claro, podemos assumir que essas linhas, essas fronteiras entre o Ocidente e o Oriente serão apagadas e desaparecerão. Mas não estou totalmente convencido disso porque, simultaneamente com esse borrão de fronteiras, estamos constantemente produzindo o diferente. Assim como as rachaduras do nosso planeta parecem ser apagadas, mas elas permanecem e vão verticalmente de uma parte para outra. Então eu acho que, de certa forma, as

antíteses das culturas ocidentais/culturas orientais, ou dos tipos de fronteira, serão pelo menos apagadas ou permanecerão como característica permanente de um determinado espaço cultural. Isso é muito difícil de saber, só será demonstrado pelo material empírico dos milênios que virão, se eles vierem a existir.

**Torop** - Há uma ideia de semiótica como se fosse uma ciência revolucionária, que é facilmente entendida por uma pessoa normal e com a ajuda da qual o mundo ao nosso redor pode ser transformado. Ou seja, juntamente com uma paixão desordenada por metalinguagens complexas, ainda há uma semiótica profanada. Você vê algum perigo para o desenvolvimento da ciência no fato de que muitos consideram isso uma ciência muito simples?

**Lotman** - Isso, naturalmente, é algo desagradável, mas constantemente vemos como tudo está se tornando vulgaridade e dessa vulgaridade vai emergindo a genialidade. Na verdade, e perdoe o paralelismo, o ato sexual em si é algo bastante vulgar e, ainda assim, traz continuidade, autogera, autorrenascimento. Acho que não há nada a temer. Outra questão é a diferença entre essa revolução da vida, entre o vulgar, o insignificante e o sujo, e a dinâmica e o brilhante que surge dela. Isso é uma coisa. Outra é se uma decomposição como a da morte ocorrer.

**Torop** - Mas a mediocridade também não é uma espécie de decomposição?

**Lotman** - Sim, é uma entropia, se quiser. Mas, novamente, a morte exige a indica-

ção de dentro de quais limites. Então a morte sempre tem um significado particular. Algo morre. Se a semente não morrer, ela não renascerá, como já foi dito.

**Torop** - Sim, mas eu fiz essa pergunta com uma certa ideia, porque se começarmos, depois da criação em Tartu do Departamento de Semiótica, para ensinar semiótica, então a questão de como vamos ensinar é uma pergunta muito séria. E aqui estão dois problemas. Um deles é a simplificação da semiótica; ou seja, devemos ser compreensíveis, devemos vender nosso conhecimento, não apenas em um sentido alto ou baixo dessa palavra. Outro aspecto: se vamos ensinar semiótica clássica ocidental, Morris ou Peirce, então eles também destruirão nosso próprio rosto. Ou seja, como vamos preservar a semiótica de Tartu nessa situação, quando por um lado tiramos do Ocidente e, por outro, daremos também ao Ocidente. Ou seja, servimos a todos, ao Ocidente e ao Oriente?

**Lotman** - Marshak<sup>4</sup> escreveu uma vez os seguintes versos: “O mundo inteiro estava envolto em escuridão profunda. Que a luz seja feita e Newton apareceu. Mas Satanás não esperou muito tempo por vingança. Einstein chegou e novamente tudo continuou como tinha sido antes”. E é assim que imagino que vai acontecer: é claro, em princípio, você tem que receber as fontes clássicas simplificadas. Isso

pode ser material por um ou dois anos de ensino. O ideal seria, em princípio, o estudo empírico da cultura e do bioma material, mas apenas de um determinado material. Esse seria o fertilizante sem o qual a semente não cresceria.

**Torop** - Ou seja, o conhecimento dos fatos...

**Lotman** - Sim. Então, simultaneamente ou talvez logo depois, os modelos demonstram que este mundo é simples e, assim que o aluno passa dessa fase para a euforia, ele é atingido na cabeça com a indicação de que essa simplificação não é tão simples. Então, ele passa para a próxima etapa, onde ele deve encontrar-se novamente nesse tipo de caos inicial do mundo, mas já como se estivesse em um novo estágio. E novamente será necessário repetir toda essa história. O que estou dizendo é que devemos primeiro dar um curso empírico; então, oferecer modelos simples e depois mostrar que, na realidade, esses modelos simples são modelos muito complexos. Ou seja, a dificuldade da semiótica como disciplina de ensino é que não pode ser ensinada do zero. Ou seja, deve ter um tipo de terreno preparado, uma boa base cultural. Certamente essa base existe em algum lugar. Infelizmente, em nosso país, essa camada de cultura geral que se dá ao nosso ensino médio é bastante empobrecida. E é por isso que há uma ameaça de estudo superficial do assunto. Mas se jovens inteligentes e bem-preparados saírem, acho que, como otimista, sua fonte não estará esgotada. E, por outro lado, o quanto podemos libertá-los das tarefas que sabemos serem desnecessárias.

---

4 Samuil Yakovlevich Marshak (1887-1964) foi tradutor e poeta russo. Máximo Gorki o definiu como o fundador da literatura infantil.

**Torop** - Talvez a própria cidade também contribua para as aulas de semiótica. É difícil simplificar os problemas da cultura quando no cotidiano a complexidade dos problemas culturais e problemas relacionados à cultura são a ordem do dia. A propósito, as particularidades de Tartu também serão lembradas pelos participantes das primeiras escolas semióticas, as lembranças atuais.

**Lotman** - A particularidade da situação geográfica da “ciência de Tartu” é a seguinte: uma situação na fronteira, e nós, geográfica e culturalmente, somos pessoas de fronteira<sup>5</sup>. A propósito, isso provocou em seu tempo uma explosão também na cultura de São Petersburgo. É uma cultura que se desenvolve em uma situação de fronteira. Por outro lado, este é um enorme defeito, aquele sofrimento eterno da cultura de São Petersburgo, pelo fato de que é como se flutuasse, como se não tivesse sob seus pés um terreno firme e, por outro lado, isso deu uma certa possibilidade de suportar o seu próprio como alienígena e o que é alienígena como seu próprio e, dessa forma, uma espécie de dupla resistência do material é criada, colocada no próprio sangue, o que, para a cultura, é algo realmente importante, e importante para a vida e para a dinâmica. Isso garante uma certa dinâmica e algu-

mas possibilidades de imaginar a linguagem de outros como sua, e a sua própria como outras. Este é um dos elementos determinantes da estrutura dinâmica.

**Torop** - De volta à conversa sobre o acaso. Gostaria de perguntar sobre a casualidade de Lotman em Tartu.

**Lotman** - Acho que tal acúmulo de coincidências ilumina uma espécie de falta de chance. Eu diria assim: o fato de minha vida me trazer a Tartu e me vincular a Tartu (não só como cidade, mas também como espaço geográfico e cultural humano) é coincidência, como se fosse uma grande sorte. Porque eu acho que, se eu consegui realizar algo na ciência, está em grande parte relacionado a esse conjunto de coincidências e não coincidências que ocorreram na minha vida pessoal e nos destinos históricos da Universidade de Tartu e dessa mesma cidade. Possivelmente, se coincidências me levaram a outro lugar geográfico, podemos dizer que o conceito de melhor ou pior aqui não existe, mas é claro que nesse plano que é o destino histórico outras notas teriam sido tocadas e possivelmente outras ideias totalmente diferentes teriam soado. Eu não acho que eles foram perfeitos, porque aqui também há outro mecanismo: o mecanismo de fidelidade a si mesmo. Mas como os temas teriam sido diferentes e outras notas teriam sido tocadas, teria soado, é claro, outra música. Portanto, se eu já sou velho, estou juntando o que eu tenho sido capaz de fazer. Mas, por outro lado, tudo o que eu não fui capaz de fazer também está relacionado com Tartu. Ou seja, cada destino, tanto científico

---

5 Lotman alude ao seu conceito de semiosfera (campo semiótico) e dos textos de fronteira, compartilhados entre semiosferas diferentes, onde ocorre a *semione*, a intensa troca de signos verbais e/ou não verbais. Logo, lança mão desse aspecto para definir como os que estão nessa vertente teórica estão em constante diálogo com outros campos de pensamento, ou semiosferas.

quanto pessoal, está relacionado a essa cidade. Não temos que julgar se isso é bom ou ruim, produtivo ou não. Mas como não consigo me imaginar agora em outro corpo, em outro acúmulo de todas essas coincidências que formaram minha vida, não consigo me imaginar fora de Tartu. De qualquer forma, eu sou um produto do meu próprio destino, e meu destino é Tartu. Não posso me separar do meu

próprio destino. Além do diálogo sobre Tartu, há também uma segunda apreciação que eu gostaria de terminar. Tartu é, por assim dizer, o espelho do espaço. Para mim, o espelho no tempo sempre foi importante também. Nosso espelho são nossos alunos. E se nesse espelho eu me reflito de alguma forma, então, para dizer a verdade, eu não quero pedir mais nada da vida.